

Brasil pode exportar US$ 10 bilhões em couro

AMADEU PEDROSA FERNANDES

São conhecidas as vantagens competitivas do Brasil em relação a seus principais concorrentes no mercado internacional de produtos agroindustriais. O País detém farta disponibilidade de recursos naturais – água, vastas extensões de terra cultiváveis e clima favorável à produção de grãos, frutas, fibras, e também para a produção de biomassa.

Tais fatores são capitalizados com competência por empresários agrícolas eficientes e processados por um parque industrial moderno e bem-estruturado. Como decorrência, o agribusiness brasileiro se mostra imbatível em diversas frentes, líder mundial em produção e exportação de várias cadeias, como o café, açúcar, álcool e sucos de frutas. Também lidera o *ranking* das vendas externas de soja e das carnes bovina e de frango, dentre outros produtos.

Brasil: números do couro em 2004

Quantidade exportada: 27 milhões de peças
Receita de exportação: US$ 4 bilhões
Empregos diretos novos: 60 mil

Um dos principais motores do agronegócio ainda não é percebido pela sociedade nem mesmo por especialistas e analistas econômicos. Trata-se da cadeia produtiva do couro, reconhecida e respeitada no mercado internacional.

Mais do que um mero exportador de couros, o Brasil tem a oportunidade única de se firmar como grande provedor de produtos de alto valor agregado, como calçados, móveis, estofados etc. Sendo o Brasil possuidor do maior rebanho bovino comercial do mundo, com 195,5 milhões de cabeças, nenhum outro país ninguém dispõe de tamanha oferta de matéria-prima.

Com investimentos, nos últimos anos, de US$300 milhões para ampliar a capacidade de produção e atualização tecnológica de processos, o País conta com um moderno e diversificado parque industrial, no qual a mão-de-obra disponível é das mais qualificadas, formada nas melhores escolas técnicas. Além disso, o profissional brasileiro é considerado um dos mais criativos e versáteis no design, manuseio e processamento do couro.

Há, entretanto, uma lição a ser feita: o investimento na qualidade da matéria-prima deixa a desejar por falta unicamente de cuidados adequados. A perda anual é de US$1 bilhão, com defeitos registrados em mais de cinco milhões de peças produzidas no País. Para reverter esse quadro de desperdício, o Centro das Indústrias de Curtumes do Brasil (CICB) e o Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas (SEBRAE) somam forças em torno de um ambicioso projeto: o Programa Brasileiro da Qualidade do Couro (PBQC).

Conheça o PBQC

- Desenvolvido em dezenove estados brasileiros
- Mobilização: 500.000 pecuaristas; 18.000 trabalhadores em esfola, 1.080 universitários e estudantes de cursos técnicos e 15.000 pequenos criadores.

Muitos dos defeitos podem ser facilmente evitados, com a adoção de medidas simples, como a substituição de cercas de arame farpado pelas de arame liso, de modo a não furar o couro dos animais; evitar a marcação a fogo dos animais em suas partes nobres; combater a incidência de ecoparasitas, como bernes e carrapatos, e ter cuidados com o transporte do gado, dentre outras medidas preventivas.

Os ganhos decorrentes são auspiciosos. Enquanto uma peça de boa qualidade produz até 25 pares de sapatos, com valor de US$450,00, um couro defeituoso não produz 25 pares, e tem receita média de US$ 275,00. O Brasil poderia multiplicar a receita nas exportações de couros em mais de quatro vezes: um salto do atual patamar anual de US$1,4 bilhão para mais de US$6 bilhões.

Da mesma forma, a cadeia produtiva do couro tem capacidade de responder com investimentos da ordem de US$1 bilhão em novas unidades industriais, de modo a aumentar a capacidade de processamento e apoiar o crescimento das exportações para US$10 bilhões, com abertura de 650 mil novos empregos no espaço de cinco anos.

A cadeia produtiva do couro pode prestar significativa contribuição para gerar empregos e impulsionar o processo de crescimento da economia brasileira. A superação desse desafio não requer grandes esforços. A receita é conhecida: reduzir a insustentável carga tributária, remover o excesso de burocracia e abrir linhas de crédito a taxas competitivas. Instalada num ambiente como esse, a cadeia produtiva do couro pode expressar toda sua competitividade. ■

AMADEU PEDROSA FERNANDES *é presidente do Centro das Indústrias de Curtumes do Brasil (CICB), entidade de âmbito nacional, que reúne associados de empresas privadas e sindicatos da indústria de couro, e vice-presidente do International Council of Tanners (ICT, sigla em inglês para Conselho Internacional dos Curtumes), entidade internacional que congrega representações de 25 países.*